Ilustração

ANO
-5.º-

Lisboa, 1 de Julho de 1930

PREÇO - 4$00

Número
-109-

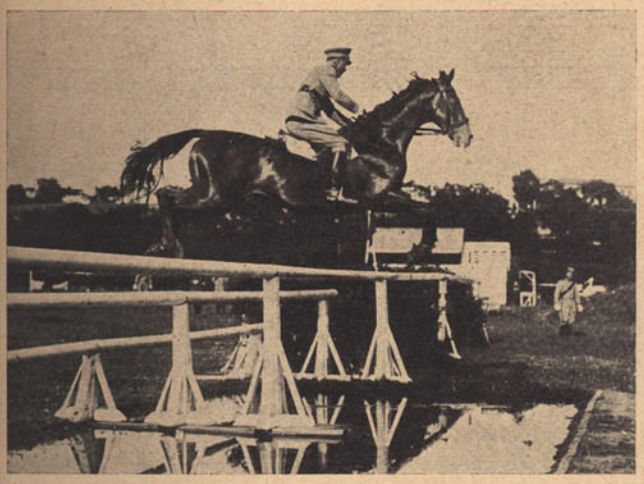
A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

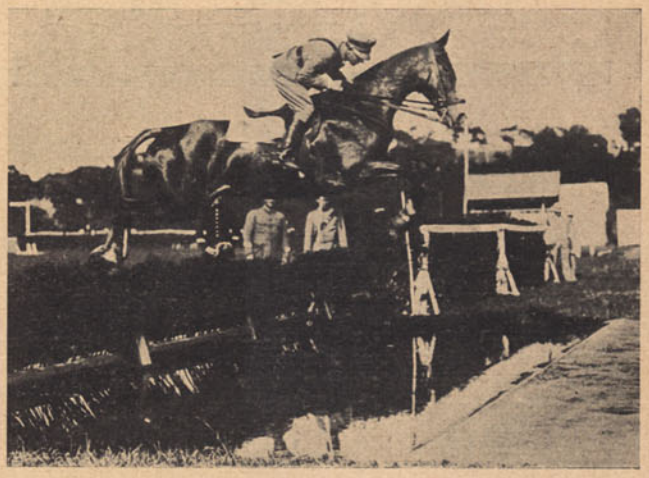
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
R. da Alegria, 30 — Lisboa
REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procissão)
Telef. T. 871
EDITOR: Augusto Brito
• •
ANO 5.º — NÚMERO 109

ILUSTRAÇÃO

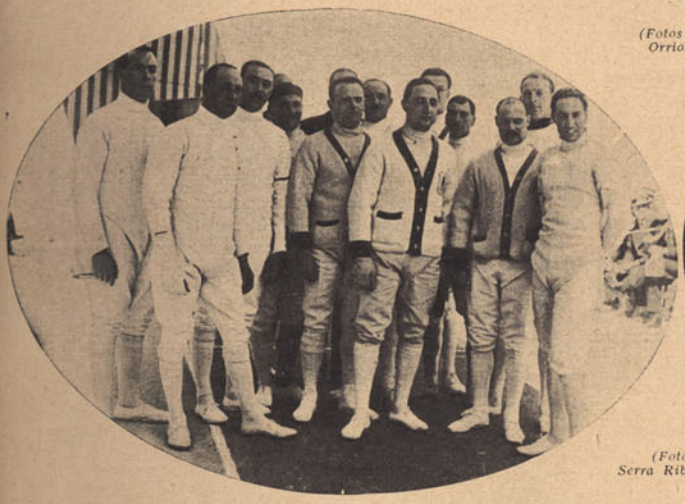
DIRECTOR-DELEGADO:
JOSÉ CARLOS DA SILVA
DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA
PUBLICAÇÃO QUINZENAL
TODOS OS ASSUNTOS DE PUBLICIDADE TRATAM-SE EXCLUSIVAMENTE NA RUA ANCHIETA, 25 — TELEF. C. 1084

PROPRIEDADE DE:
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD.ª
ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef.: T. 821 a 824
• •
1 DE JULHO DE 1930

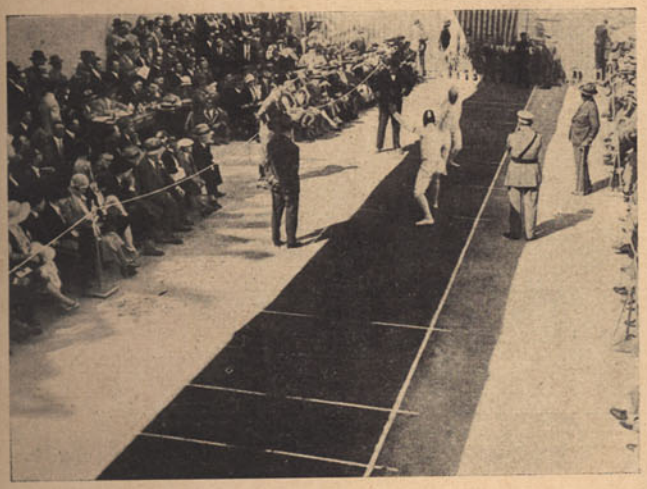




(Fotos Orrios)



(Fotos Serra Ribeiro)



PORTUGAL NAS GRANDES PROVAS DESPORTIVAS — *Em cima* — O CAPITÃO IVENS FERRAZ, O TRIUNFADOR DO «GRANDE PRÉMIO», DE MADRID, SALTANDO NO «MARCO VISCONTI». — O TENENTE MENA E SILVA NO «WHISKY», NO CONCURSO DE MADRID. — *Ao centro* — OS ESGRIMISTAS PORTUGUESES E FRANCESES QUE DISPUTARAM, NO ESTORIL, O «PORTUGAL-FRANÇA» EM ESPADA. — A EQUIPE DE «AZES» FRANCESES DE ESGRIMA QUE GANHOU AOS PORTUGUESES POR UMA DIFERENÇA MÍNIMA. — *Em baixo* — UM ASPECTO DO RENHIDO ASSALTO SASSETI-MAURICE, NO PORTUGAL-FRANÇA. — AS MESAS DO JURI E IMPRENSA NO CAMPEONATO DE ESGRIMA NO ESTORIL; NO PAVILHÃO, O SR. MINISTRO DOS ESTRANGEIROS E ESPOSA.

a estátua ôca

EPISÓDIO INÉDITO DA ESTADA EM PORTUGAL DO ILUSIONISTA BOJERSON

(Continuação)

pelo REPORTER X

Entretanto era conduzido para o improvisado tablado a matéria prima da célebre sorte: o ataude. Mas antes que o colocassem — Herbert armara à esquerda do pequeno palco um projector — primitivo aparelho luminoso, bisavô dos potentosos ejaculadores de jorros eléctricos que artificialisam o luar nos grandes palcos modernos. O projector de Bojerson era uma espécie de lanterna mágica, encimando um tripé e guarnecido por um biombo aparentemente provido apenas das molduras de madeiras. O discípulo do ilusionista manobrou as chaves da lanterna de acetilene que recheiava o projector e o foco que dêle surdiu aureolou o ataúde dum clarão prateado.

Iniciou-se a sorte... Bojerson *assassinado* e guardado no ataúde; o lustre foi apagado — ficando a sala apenas iluminada por uns distantes e espaçados candelabros; o caixão transportou-se, e os espectadores, sugestionados numa emoção profunda, assistiram às metamorfoses da *decomposição* do corpo do ilusionista — as carnes a esverdearem-se; o corpo a descarnar-se; o esqueleto a surgir, desnudado e horrendo...

Era complexa a mecânica daquele número e exige do artista um contínuo contorcionismo de *fregoli* que praticasse as mudanças de roupa, à vista do público e quási sem se mover... A-pesar porém do enorme do enorme esfôrço que representava para êle essa sorte, Bojerson aproveitava todos os segundos economisados pela prestreza e pela agilidade — para vigiar o Marquês. E nesses curtos instantes furtados ao trabalho miniatural e quási doloroso, de dentro da máquina que movia as transformações do ataude, via o Marquês, mais pálido do que todos os outros; mais atento para fora do tablado do que para o tablado; com o olhar mais pequente na observação da madrinha, do que na do ilusionista... Notando esta preocupação obsecada dod ono da casa, deliciava-se o bom dinamarquês, saborcando antecipadamente o seu triunfo.

A sorte aproximou-se dos efeitos finais... Realizou o imprevista remate, a ressurreição do ilusionista, com o esqueleto vestido de carne e a carne vestida com a característica casaca, pulando para fora do esconderijo e homenageado por aplausos sinceramente furiosos. Conseguira, como sempre, um êxito em que a admiração era suplantada, pelo estonteamento do público, martirisado durante dez minutos por um espectáculo angustioso, dum realismo mortal e terminado por um imprevisto desconcertante...

...Mas logo que se apanhou fora da escravatura do trabalho, com o dever único de agradecer os aplausos, Bojerson só tinha uma preocupação: estudar melhor ainda o Marquês... Não o viu... Procurou-o por tôda a sala, e não o encontrou. No curto espaço de tempo em que êle, transitava pelos alçapões, do ataude para o saco mágico é que o perdera de vista, o dono da casa desaparecera... Em compensação erguia-se à sua frente pálido, trémulo de olhos esbugalhados, o rôsto crispado numa evidente e inexprimivel expansão de cólera — o jóvem e simpático dr. Oldimiro de Azevedo. A indignação do médico vencia tôda a prudência; e apertando-lhe o pulso com violência, segredou-lhe uma meia voz que podia alcançar os ouvidos mais distantes:

— O senhor ou é um criminoso ou é um inconsciente!

Bojerson estava longe de esperar aquela apreciação ao seu trabalho. Impalideceu; e espicaçado pelo seu desmedido orgulho de artista, abafou todos os sentimentos de simpatia; esqueceu-se das suas próprias preocupações generosas — para repelir, com uma ligeira tensão de músculos, o facto do dr. Oldimiro — e responder-lhe igualmente agressivo:

— Que *prretender* o *sinhorre doutorre dizerre* com êsses insultos?

— Ainda não há meia hora que o preveni que a vida da sr.ª D. Leonor estava por um fio — explicou o médico, um pouco mais calmo. — Informeio-o até que a menor alusão à morte, a menor comoção podia provocar-lhe uma paragem fatal do coração. E o senhor prevenido, informado por mim, escolheu o mais macabro, o mais impressionante, o mais perigoso número do seu reportório — aquele que, segundo o que eu lhe dissera parecia feito expressamente para dar cabo da pobre senhora!!! Que interêsse tem em cometer êsse crime?

E novamente encolerisado, acrescentou:

— Pagaram-lhe para isso, não é verdade?

Mas Bojerson deixara de se melnidrar com as acusações gravíssimas do dr. Oldemiro. Pelo contrário: reconquistara o seu sorriso, a sua bonhomia... E com grande surprêsa do médico, deu-lhe o braço e em silêncio arrastou-o em direcção do corredor.

— Onde vamos? indagou o dr. Oldemiro, desconcertado...

— *Pedirrei* a alguém que responda *porre* mim aos seus insultos, *senhorre doutorre*...

Os *rr* da última palavra tinham retinido frente ao cadeirão onde a pobre D. Leonor continuava como uma figura de cêra. O dinamarquês parou e fez parar o seu companheiro. O surgimento dos dois homens agitou a madrinha do marquês. Os olhos dilataram-se; um vermelhão tingiu-lhe as faces...

— Então, minha *senhorra*... — fez o ilusionista — assustou-se muito com êste meu último *trrabalho?*

Na forma do costume, a fala de D. Leonor só se torna perceptível após várias tímidas hesitações e falsos pigarros. Por fim, confessou...

— Gostei imenso... Imenso... Gostei sobretudo das danças das pombas sôbre o fumo azul que saía do jarro japonês... É muito engraçado, realmente... Como conseguirá o senhor fazer com que aquele fakir desapareça dentro dum envólucro tão pequeno?!!

O dr. Oldemiro pasmara, não acreditando no que ouvia. Estaria louca — a sua doente? A que danças e a que pombas e jarros e fakires se referia ela? E sem poder conter-se interveiu:

— Mas... a sr.ª D. Leonor esteve na sala?

— Não saí dêste lugar...

— Viu todo o número — o último número do sr. Bojerson?

— Todo... Gostei muito!

— E... gostou muito... — repetiu o médico.

E depois, aguilhoado pelo sorriso irónico do ilusionista:

— Mas não lhe causou a menor comoção?

D. Leonor teve um débil frouxo de riso — que lhe arrepanhava o seu rosto torturado, numa careta, e comentou:

— Mas... o que podia causar-me comoção no trabalho dêste senhor?

— A scena do ataúde... o esqueleto... o...

Não terminou. A madrinha do marquês soltou uma nova risada que parecia amarelecê-la mais ainda:

— Tem graça... Ainda não há dois minutos que o meu afilhado me dirigiu a mesma pregunta... Ou se tira que estão combinados... ou que eu sou cega... ou louca...

— ?

— Preguntou-me também se eu vira ataúdes, esqueletos, mortos...

— ?

— Não vi nada disso... Vi apenas pombas a dansarem em relor do fumo azul que saía dum jarro japonês — e um fakir que entrava e saía do mesmo jarro com a facilidade de quem entra e sai de sua casa...

O dr. Oldemiro coçou a barba emboçadamente. Bojerson alargou o seu sorriso; retomou-lhe o braço e reconduzindo-o ao corredor, murmurou-lhe apenas ao ouvido:

— Aprenda a *terre* confiança em mim, *senhorre doutorre... Aprrenda porreque Borrjerrson* ainda lhe pode *serre* muito útil — a si... menina Celeste... e à *senhorra* Dona *Leonorre*...

O médico sentiu que o braço do ilusionista se desprendia do seu. Ergueu então a cabeça para lhe falar, para pedir-lhe perdão da sua injustiça; talvez até para suplicar o auxílio que êle levemente lhe oferecia... Olhou em redor e pestanejou, numa nova surprêsa. Borjerson desaparecera; e no fundo do corredor, o marquês, fitava-ó com uma estranha expressão.

CAPÍTULO VIII

APÓS O ESPECTÁCULO

Bojerson recolhera ao quarto que lhe fôra destinado para se lavar e enxugar o suor — fruto legítimo daquele extenuante programa de ilusionismo. Os seus discípulos desmontavam o material e arrumavam-no nas caixas onde êle viera para o palácio... Dos salões vinha a harmonia duvidosa do «Brinde» da «Traviata» teclada ao piano por um dos convivas do marquês, amador musical especialmente inspirado naquele instante pelos repetidos licores que emborcara antes e durante a exibição do ilusionismo...

O dinamarquês não tardou em reaparecer, envergando o sobretudo, de gola erguida sôbre o *cache-nez* de seda que defendia o pescoço e parte do rosto, escaldado pelo calor do salão e pelo esfôrço do trabalho. Reapareceu

discretamente, entre portas do quarto que abria para o corredor, mas não avançando sem primeiro se certificar que não era vigiado. Convencido que não o viam — dirigiu-se, pé ante pé, para a porta do salão junto à qual D. Leonor continuava aparafusada ao seu cadeirão.

— *Minha senhorra*... — murmurou êle, procurando ser apenas notado pela madrinha do marquês... Dona *Leonorre* não olhe... Não é *prreciso olharre*... E não se assuste... Escute-me apenas... *Querro* apenas *dizerre-lhe* uma cousa... Não olhe... Assim... Escusa seu afilhado de *saberre* nada... Está ouvindo? Pois bem... Tenha confiança em mim...

E tomando um hausto de ar rematou:

— *Jurro-lhe* que hei-de salvá-los a todos... A si, a sua filha e ao...

D. Leonor tentara obedecer ao ilusionista cuja voz escutava mas que não via... Ao ouvir, porém, as últimas sílabas teve um presentimento... A cabeça moveu-se, bruscamente: o peito arfava-lhe como numa ameaça de asfixia...

— Calma! Calma! — exigiu enèrgicamente o ilusionista. Se lhe falo agora é para a *socegarre* e não para a *inquietarre*... Hei-de salvá-los a todos... — e a *êle* também...

A agitação de D. Leonor não passara despercebida ao afilhado. O marquês de Mantelo, a-pesar da missão de vigilância que exercia sôbre Celeste — que não afrouxara um só instante — mesmo quando se afastava — notara algo de estranho, de invulgar na atitude da madrinha. Segredou umas palavras a Celeste, palavras que, como sempre, tiveram o efeito duma rápida carícia de latego — e em duas pernadas colocou-se junto a D. Leonor... O olhar da pobre senhora não podia floretear ao sisudo com o do afilhado. Ao senti-lo à sua frente, perscrutando-a, abaixou o rosto e apressou a respiração, agitando-se mais ainda do que estava. O marquês, antes de a interrogar, inspeccionara o corredor. Estava deserto... E contudo êle ia jurar que...

— Quem estava aqui agora mesmo? — indagou.

— Ninguém!

— Mente! Vocês andam brincando com o fogo mas eu...

Ia desfiar o rosário de impropérios a que a madrinha jámais se habituara a-pesar da freqüência com que o escutava. E enquanto se esforçava por conter as lágrimas e defender, com um silêncio resignado, o segrêdo do que ouvira de Bojerson — êste entrava na sala pela outra porta do corredor, auto-escamoteando-se para que o marquês não o surpreendesse e a distância, acenou para Celeste para que esta lhe prestasse atenção e apurasse o ouvido:

— Menina Celeste... Não olhe para mim... Não é preciso — e podia ser notado pelo *senhorre marrequez*... Eu só *querro dizerre-lhe* que tenha confiança em mim... porque eu hei-de salvá-los a todos... a sua mamã... a menina Celeste e a...

A pausa causara na filha o mesmo efeito de surpreza, misto de alarme, que provocara na mãe. Também ela pressentia o nome que o dinamarquês propositadamente calara. E êste presentimento picara-lhe a alma... Se era verdade que aquele estrangeiro ia pronunciar o nome que ela supunha — como chegara ao seu conhecimento a existência da pessoa a que êsse nome pertencia? E se Bojerson conhecia êsse temível segrêdo, máquina de tortura de velhice da mãe e da sua juventude — que uso daria êle a essa inverosímil descoberta? Seria prenúncio da libertação de todos, como o ilusionista prometia — ou, pelo contrário, representaria a ameaça de uma nova inquirição num futuro próximo?

Uma ânsia enorme de correr para Bojerson, de o segurar, de o interrogar, de o obrigar a ser franco, a dizer a verdade lhe refervia no peito; mas a terror do tirano que estava próximo e que não a perdia de vista, contendo-lhe a ímpeto, fazia com que essa ansiedade se espelhasse em côres berrantes nas faces e a sacudisse num nervosismo inquietante...

— Calma! Calma! — exigia Bojerson... — *Querro* salvá-los a todos — e aos *dois* também...

Aos *dois?* Êste plural inesperado, intrigou mais ainda Celeste. E o que todos os outros sentimentos em balbúrdia não tinham conseguido — conseguira a sua curiosidade de mulher: franziu o sobrôlho; despresou tôdas as prudências; e fitando fixamente o estrangeiro, moveu repetidas vezes os ombros, desenhando quási com êles no espaço sucessivos pontos de interrogação.

Assustou-se Bojerson com a temeridade de Celeste; e adivinhando que ela atraíra de novo o padrinho, escapou-se de novo para o corredor, numa reviravolta de Mefistófeles — mas não antes de pronunciar dois nomes:

— Os dois são Oldemiro... e Frederico de Alcântara...

Bojerson não se equivocara. O marquês, enquanto supliciava a pobre velha com o seu interrogatório ilriçado de insultos grosseiros, continuando na observação a Celeste — vira reproduzir-se na filha as agitações emocionadas que o fizeram abeirar-se da mãe; e desta vez, por serem repetidas, mais o alarmaram e o enervaram. Deixando na primeira sílaba uma ameaça com que ia fustigar o coração de D. Leonor — correu para o outro extremo da sala, onde Celeste se especara e de onde ouvira e respondera marconicamente a Bojerson...

— Com quem estavas falando? — inquiriu Mantelo, antes mesmo de se aproximar da jóvem.

Celeste vira-o partir de junto da mãe; vira-o acercar-se-lhe no convencimento que fôra descoberta e que a sua situação, já tão densa aquela noite, se agravara com a sua imprudência. Mas tanto a impressionara as palavras do ilusionista que mais temia que o marquês o visse a êle do que a torturasse. E por isso deixou escapar um olhar aflitivo para o corredor — logo seguido pelo marquês que para o corredor se voltara — no preciso momento em que surgia o dr. Oldemiro...

...Bojerson, na sua reviravolta mefistofélica, chocara com o médico — e logo uma ideia digna da sua inventiva de prestidigitador, o assaltara e o fizera aproveitar o encontro em serviço dos seus projectos. Para o conseguir afastara-se e num rápido movimento, aproximara-se de novo, impelindo Oldemiro pelos rins e atirando-o para entre-portas da sala... O médico no atontamento em que êle o deixara, já dificilmente se surpreenderia de qualquer atitude do dinamarquês. Contudo atribuiu aquela semi-violência ao facto do outro ter escorregado na alcatifa, segurando-se a êle, para não caír. E esta hipótese foi fortalecida pelo *mile perredões* que Bojerson pronunciara imediatamente — sorrindo por ter evitado que as suspeitas do marquês caíssem sôbre êle que precisava da confiança do dono da casa para poder agir livremente.

Ia o dr. Oldemiro responder aos «*mile perredões*» do ilusionista, voltando-se, quando surpreendeu o olhar aflitivo de Celeste e a atitude agressiva do marquês. Para êste, ao deparar-se-lhe, entre portas do corredor, o jóvem médico, tinham terminado tôdas as dúvidas: era para Oldemiro que Celeste dirigia aquelas gatimanhas que vira ao longe, como de Oldemiro tinham vindo, de certo, as palavras que tanto haviam impressionado D. Leonor... E no azedume em que já se encontrava; no ódio que a insistência daquele homem junto da madrinha e de Celeste lhe causava — o marquês perdera a noção de tôdas as conveniências e até da própria prudência. Chamejando cólera pelas pupilas tôrvas e dilatadas, de narinas frementes, os punhos cerrados e ameaçadores — avançou para o médico, que o ficou aguardando, extático, antevendo a scena que há muito temia e cuja irremediabilidade previra também desde há muito. Sabia que o marquês era homem capaz de tudo: sabia de que fôrça eram os amigos que enchiam a casa naquela noite... Lógico era, pois, que se moldasse no espírito a ideia de uma agressão de que não se pudesse defender, que ficasse para sempre abafada. No silêncio de todos, até do seu próprio silêncio, porque os mortos não podem acusar os seus algozes. Em luta leal não teria medo daquele hercules. Mas ali, naquele palácio cuja fama se alastrava pelo bairro, tudo podia esperar. E se temia a morte não era por êle; era por aquelas duas mulheres de que se julgava o único protector...

Contudo não pestanejou nem se moveu nos longos segundos que o marquês levou de Celeste até êle; e quando sentiu o seu hálito queimar-lhe as faces e se preparava para responder à provocação que vinha borbulhando já nos seus lábios, ouviu, atrás de si, o ranger de uma porta que se abre e uma voz sua conhecida pronunciar uma ruidosa saüdação.

A carranca do marquês transformara-se num sorriso forçadíssimo. Voltou então ràpidamente a cabeça. A porta do quarto onde Bojerson se fôra arranjar ficava quási em frente da que abria para a sala. A meio do corredor e entre as duas portas encontrava-se êle, Oldemiro. Um minuto antes, Bojerson, ao simular a escorregadela na alcatifa, dirigia-se para o extremo do corredor. Como podia aparecer-lhe agora por aqueloutra porta, acertando o *cache-nez* e a *toilette* de saída? Contudo, devia à presença do ilusionista o evitar-se a scena irremediável entre êle e o marquês...

— Estou fatigadíssimo, *senhorre marrequês* e se me dá licença, *retirro-me*...

— Pois não, sr. Bojerson...

— E gostou do meu programa?

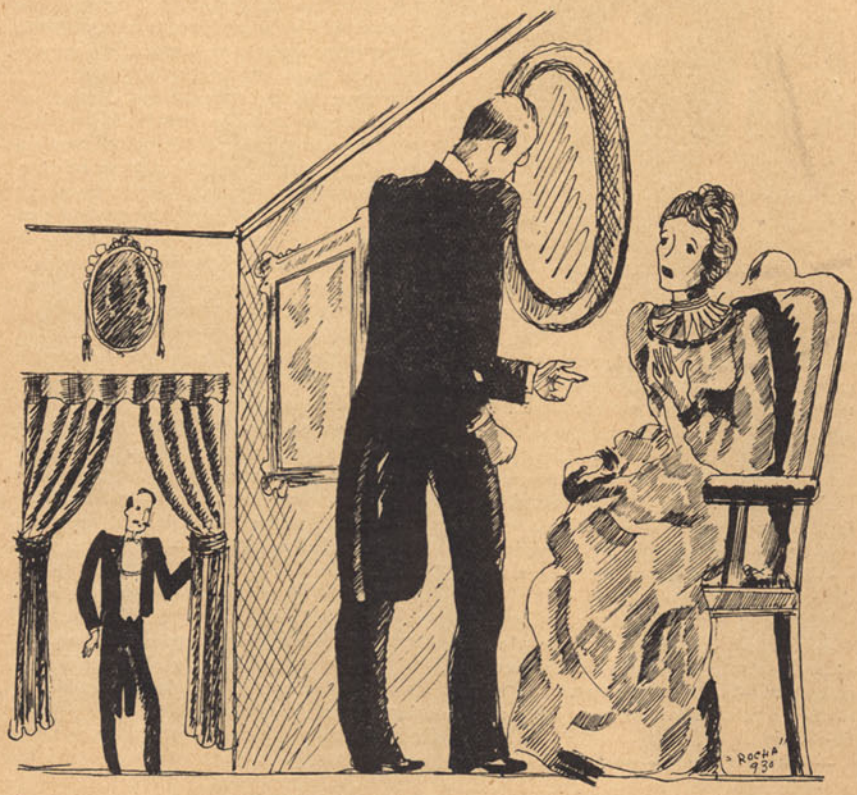
— Muito... como sempre! Mas...

Calou-se. Havia algo que intrigava o dono da casa; que lhe fazia esquecer o médico — mas que não ousava dizer... O dinamarquês, fingindo não ter reparado naquele *mas*, prosseguiu:

— Fiz-lhe a vontade, *senhorre marrequês*... Fiz-lhe o *Esquife do Thibet*...

— Muito agradecido, sr. Bojerson... É um suceso admirável — o melhor do seu reportório... *Mas*...

Bojerson ia a saltar por cima daquele se-



gundo *mas* — mas desta vez não o consentiu o outro:

— Mas... sabe o que me estranha?

— Diga, *senhorre*...

— É que minha madrinha, a quem tanto eu tinha elogiado êsse número, declarou-me que nada vira... ou por outra: que vira um número absolutamente diferente daquele que nós assistimos. E é tão singular esta declaração da pobre senhora que me intranquilizou... Chego a temer que a doença comece a atacar-lhe as faculdades mentais...

— Oh! Não! Não *intranquelise* a sua *boníssima alma, senhorre*... — retorquiu o dinamarquês, gargalhando com tal desplante que fez franzir o sobrôlho do marquês. A pobre senhora viu coisas *molto* diferentes — porque eu tive medo que aquele número com caixões, mortos e esqueletos lhe fizesse mal ao coração... Enquanto representava para os senhores a sorte do *Esquife do Thibet*, o meu ajudante Herbert, que é também um grande ilusionista, realizava só para a sr.ª D. Leonor uma sorte *molto* inocente com pombinhas que apareciam entre nuvens de incenso e que ocultava o ataúde e tudo quanto eu fazia no tablado...

A expressão do marquês ia-se modificando num desconsôlo tão transparente que chegava a assemelhar-se a uma caricatura de si próprio. E quando Bojerson afirmou que D. Leonor nada vira porque êle não quizera, os braços penderam-lhe, como os de um vencido, ao longo do corpo, e a boca entreabriu-se papalvamente.

— Ah! Eu sou *semprre molto prrudente*... — prosseguiu Bojerson. — Eu sabia que o número do *Esquife do Thibet* podia ser fatal à *senhorra* sua *maderrinha* e por isso evitei que ela o visse... As comoções fazem muito mal a quem tem doenças do coração...

— E quem lhe disse, sr. Bojerson, que minha madrinha padecia do coração e não podia sofrer comoções? — quiz saber o marquês, numa brusca suspeita.

— Foi o *senhorre doutorre Oldimirro de Azevedo!* — esclareceu o ilusionista, com uma vaga ironia e apontando o médico...

— Ah! Foi o doutor...

De novo o ódio do marquês contra o médico se acendera num brazido de cólera que lhe afogueara as faces e fazia scintilar as pupilas. No seu olhar prepassavam ameaças tremendas — que não passaram despercebidas ao dinamarquês.

— Boas noites, *senhorre marrequês*...

E voltando-se para o médico:

— O *senhorre doutorre* sempre *querre fazerre* o favor de *passarre* pelo meu hotel para *verre* o meu ajudante que ficou doente? Nesse caso *terei molta honrra* em *acompanharre o senhorre doutorre*.

Oldemiro aproveitou imediatamente o pretexto para se esquivar da scena inevitável com o marquês, estranhando que fôsse Bojerson, que êle julgava na ignorância de tudo, quem lho oferecesse; e sem alcançar as razões porque o ilusionista intervinha na sua intriga — e com tanta oportunidade — acedeu:

— Está bem. Acompanhá-lo-hei a ver o seu ajudante...

O marquês respirou fundo e enterrou as mãos nos bolsos das calças na necessidade imperiosa de distender os braços... Por um pouco que não estoirava as costuras — tal a fôrça com que carregou os punhos fechados. Conteve-se — mas com que esfôrço! Com que sacrifício! Ah! Aquele médico com ares de galã romântico havia de pagar-lhe caro o desassossêgo que trouxera aos bastidores da sua existência... Quantos fracassos não lhe tinha causado já! A êle devia que todo o plano daquela noite, um plano tão inteligentemente urdido, tivesse resultado uma nulidade absoluta. Se não fôsse êle prevenir Bojerson — o número do *Esquife do Thibet* teria acertado no seu objectivo... Ah! Mas ninguém perdia com a demora! Bojerson havia de repetir o seu macabro espectáculo — e com assistência de D. Leonor — ou êle não fôsse o marquês de Montelo!

CAPÍTULO IX

MEIA VOLTA... VOLVER!

Saíram do Palácio do Marquês em silêncio. O jóvem médico não encontrava a fórmula de interrogar o ilusionista — e êste não se encontrava disposto a confidências. A madrugada espirava — mas o céu derramava sôbre o casario as anelinas azuis que o tingiam e que pareciam colorir a própria prata refulgente das estrêlas.

Desceram a rua e no momento em que Oldemiro ia a dobrar a esquina notou que Bojerson estacara. Atribuindo a paragem ao facto dêle acertar o *cachenez* de sêda e aconchegar melhor a gola erguida do sobretudo — estacionou também, sem impaciência... Porém, ao ver que o ilusionista, mudando de passeio, recomeçava lentamente a ascensão da calçada, franziu o sobr'olho e preguntou se tôdas as inexplicáveis atitudes do artista para com êle, naquela noite, seriam alardes de excentricidade ou sintomas de desequilíbrio mental. Ia voltar as costas ao dinamarquês e prosseguir sósinho e enfadado, quando o outro o chamou com um aceno.

— *Perdone-me doutorre... É preciso... É mesmo molto preciso...*

Não explicou o que era *molto preciso* nem o que significava aquele arrepiar de caminho — mas, sem saber porquê, sentia-se sugestionado, numa confiança sub-consciente, por aquele homem... Seguiu-o a certa distância. Bojerson, andando sempre, no seu passito dançado, ladeou o palácio e foi empastar-se na sombra da primeira rua transversal; e como o médico, que o perdera, o buscasse com o olhar, chamou-o, com voz abafada:

— *Doutorre... venha parra aqui!*

— Mas que quer isto dizer, Bojerson?...

A única resposta foi um sorriso mui artificial, um sorriso de palco... Instantes depois abria-se o portão do palácio — e saía, em algazarra quási escandalosa, um grupo de convidados... Mal êles se afastaram — o dinamarquês segredou:

— Ainda não! Faltam cinco! *Queirra esperrar mais um pocachinho...*

A-pesar de tôdas as suas preocupações — o médico estava a sequiar-se de curiosidade... Rodaram alguns minutos — e de novo o portão se abriu à passagem doutro grupo ruidoso e folgasão:

— Três... quatro... cinco... — contou Bojerson por entre os lábios. *Iá está!*

Iá estava — mas êle não se movia; ou se se movia era apenas para espreitar as janelas do primeiro andar, que não tardaram a apagar-se... Oldemiro preparava-se para desistir — farto do que êle começava a supor excesso de madureza do ilusionista — quando através do mudismo coagulado da madrugada principiava a filtrar-se um vago ruido de vozes... No início dificilmente se apercebia; mas apurando o ouvido êsse ruido definia-se: era uma discussão, crescendo de volume e entrecortada pelo chôro duma mulher...

(Continua).